

## INTRODUÇÃO

A produção têxtil foi, provavelmente, de todas as atividades manufatureiras, aquela que conheceu maior desenvolvimento na Europa medieval, tanto no quadro da economia de subsistência como da economia comercial. A necessidade básica de o ser humano se vestir exigiu sempre a presença de uma atividade de produção de tecidos, ainda que a mesma tivesse lugar apenas no âmbito da mais estrita economia doméstica de autoconsumo. Esta é, porém, a faceta da atividade têxtil menos conhecida porque deixou muito poucos vestígios na documentação medieval. Apenas algumas regiões da Europa se especializaram no fabrico de tecidos de qualidade destinados à exportação, enquanto as demais desenvolveram uma indústria de têxteis de qualidade média e baixa que serviam as necessidades dos mercados locais e regionais. É precisamente sobre esta dimensão da produção têxtil europeia que escasseiam os estudos historiográficos.<sup>1</sup> Por estas razões, torna-se pertinente o seu estudo no reino de Portugal, que tem sido visto mais como um mercado importador de tecidos do que propriamente um produtor.<sup>2</sup>

Neste estudo que agora se apresenta procura-se abarcar as dimensões tanto doméstica como industrial das atividades transformadoras de fibras têxteis (lã, linho, cânhamo, seda e algodão).<sup>3</sup> Impõe-se, por isso, uma breve reflexão sobre o conceito de *indústria* e a respetiva aplicabilidade à realidade da produção medieval. Como nota Philippe Braunstein, tem sido mais fácil aos historiadores da época contemporânea admitir que antes da *indústria* havia já *uma indústria* do que aos medievistas reconhecer que *artesanato* é uma categoria que não abarca todos os níveis de produção.<sup>4</sup> A aplicação do termo *artesanato* permaneceu e permanece nas grandes sínteses historiográficas, tributárias ainda de uma visão historiográfica marxista (e datada) das origens do capitalismo. Recorde-se, por exemplo, a grande *Histoire Générale du Travail*, dos anos 50, na

1: Arnoux, M., & Bottin, J. (2004). Les acteurs d'un processus industriel: drapiers et ouvriers de la draperie entre Rouen et Paris (XIVe – XVIe siècles). In M. Arnoux & P. Monnet (Eds.), *Le technicien dans la cité en Europe occidentale, 1250-1650* (pp. 347-380). Roma: École Française de Rome, p. 347.

2: Sobre o assunto veja-se, por todos, Ferreira, A. M. (1983). *A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

3: Excluíram-se da análise as atividades de cordoaria e de tapeçaria, pelo facto de as especificidades das mesmas requererem uma abordagem mais especializada que, de resto, já tem sido alcançada em alguns estudos parcelares. O *tricot*, uma dimensão particular da história têxtil ainda pouco explorada, foi recentemente alvo de um estudo: Pomar, R. (2013). *Malhas portuguesas. História e prática do tricot em Portugal, com 20 modelos de inspiração tradicional*. Porto: Civilização Editora.

4: Braunstein, P. (2003). *Travail et entreprise au Moyen Âge*. Bruxelles: De Boeck, p. 93.

qual a Idade Média é identificada como “L’âge de l’artisanat”.<sup>5</sup> Certo é que hoje se entende, como afirma Braunstein, que, em todas as épocas, a grande diferença entre *indústria* e *artesanato* é a colocação no mercado de uma produção em massa, fabricada em série e de qualidade constante. À *indústria* alia-se o sentido de *empresa*, entendida como o espírito de inovação. Inovação esta que não passa necessariamente pela introdução de uma invenção, mas implica antes uma nova visão sobre a organização das operações técnicas, dos meios materiais empregues, do capital de conhecimentos e dos recursos financeiros – tudo num sentido do controle e gestão da produção. Por *indústria*, entenda-se também “o espírito de empreendedorismo, o sentido de organização e o gosto pela inovação”.<sup>6</sup> O historiador Oliveira Marques pronunciou-se igualmente sobre o conceito:

Se considerarmos a palavra ‘indústria’ na sua acepção restrita (que é hoje a mais vulgar), de um conjunto de actividades transformadoras implicando produção em larga escala, realizada em fábricas onde trabalham centenas de indivíduos, com distinção entre capital e trabalho, dificilmente poderemos falar dela durante os séculos XIV e XV, e muito menos em Portugal. Mas se por ‘indústria’ aceitarmos um conceito lato, de toda a actividade que concorra para a transformação de matérias-primas e para a produção de riquezas, será então lícito estudá-la no período medieval, mesmo nas suas formas mais limitadas de artesanato doméstico.<sup>7</sup>

Ao longo desta obra, será muitas vezes empregue o conceito de *indústria* no seu sentido mais lato, isto é, enquanto sinónimo de produção. No entanto, um dos objetivos presentes é precisamente o de aferir se o conceito de *indústria*, nos termos em que a define Braunstein, se aplica à realidade da produção têxtil medieval portuguesa.

Não foi fácil estabelecer uma baliza cronológica para o tema em análise, uma vez que se insere no domínio da história social das técnicas, que dificilmente se coaduna com segmentos temporais bem delimitados. Salvo alguns casos excepcionais, os fenómenos que aqui serão abordados não são fruto de uma geração espontânea: têm antecedentes, alguns deles bastante remotos. E

5: Mauro, F., & Wolff, P. (1959). *Histoire générale du travail. L’âge de l’artisanat (Ve - XVIIIe siècles)* (Vol. 2). Paris: Nouvelle Librairie de France.

6: Braunstein, P. (2003). *Travail et entreprise...*, pp. 93-111.

7: Marques, A. H. de O. (1987). Portugal na crise dos séculos XIV e XV. In J. Serrão e A. H. de O. Marques (Eds.), *Nova História de Portugal* (Vol. 4). Lisboa: Editorial Presença, p. 115.

muitos têm também continuidade nos séculos posteriores. O foco de incidência acabou por recair no século XV, por se entender que este constitui um momento de viragem na produção têxtil em Portugal. A centúria de quatrocentos é herdeira de uma longa tradição de métodos e meios técnicos, e nela se assiste ao surgimento de novas iniciativas dirigidas à produção, bem como à abertura progressiva da indústria face aos mercados, ao mesmo tempo que são elaborados, já no final do século, os primeiros regimentos corporativos. No fundo, parecem reunir-se grande parte das condições que propiciarão o arranque definitivo da indústria têxtil em Portugal durante o século XVI. Por tudo isto, muitas vezes foi necessário ultrapassar o limite cronológico (vagamente) imposto: recua-se quando necessário, para se identificarem as raízes de um fenómeno, e avança-se quando se pretende demonstrar as continuidades e as ruturas ou para tentar preencher as lacunas deixadas pela documentação quatrocentista.

#### **ESTUDOS SOBRE A PRODUÇÃO TÊXTEL MEDIEVAL EM PORTUGAL**

Em 1962, Oliveira Marques escrevia que a indústria medieval portuguesa continuava à espera do seu historiador.<sup>8</sup> Pode afirmar-se que, não obstante a existência de alguns trabalhos monográficos, nenhum setor industrial foi ainda estudado de forma exaustiva, para a globalidade do reino. Ressalve-se, no entanto, que, de todos os setores, o do têxtil terá sido aquele que maior atenção recebeu por parte dos historiadores. Destacarei apenas alguns dos contributos mais importantes nesta matéria. Nos seus numerosos trabalhos sobre as “artes e indústrias portuguesas”, Sousa Viterbo dedicou alguns em particular à produção têxtil.<sup>9</sup> Os artigos deste autor consistem essencialmente na edição de fontes, com breves comentários. Viterbo foi capaz de identificar uma boa parte dos documentos mais importantes sobre o tema que se podiam encontrar na Torre do Tombo, sobretudo nos fundos das chancelarias régias. Por essa razão, o seu trabalho é e será sempre uma base de partida incontornável. No volume IX da obra *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*,

8: Marques, A. H. de O. (1980). Ideário para uma História Económica de Portugal na Idade Média. In *Ensaio da História Medieval Portuguesa* (2ª ed., pp. 17-50). Lisboa: Editorial Vega. (Edição original 1962), p. 31.

9: Viterbo, F. S. (1902). *Algumas achegas para a história da tinturaria em Portugal*. Lisboa: Academia das Ciências; *Idem* (1902). Artes industriais e indústrias portuguesas: a tapeçaria. *O Instituto*, XLIX, 361-367, 418-424, 485-487, 557-560, 619-625, 674-677; *Idem* (1904). Artes industriais e indústrias portuguesas: indústrias textis e congêneres. *O Instituto*, LI, 283-289, 376-382, 442-448, 505-510, 568-574, 637-640, 686-691.

Henrique da Gama Barros esboçou uma primeira tentativa de sistematização sobre os diferentes setores da produção têxtil medieval portuguesa.<sup>10</sup> Para o fazer, partiu dos contributos iniciais de Sousa Viterbo e acrescentou outros testemunhos documentais que recolheu no âmbito de investigação própria. Seria necessário esperar algumas décadas para que surgissem novos trabalhos centrados diretamente nesta temática. Entre as décadas de 40 e 60 do século XX, Carlos Bastos publicou várias obras sobre a história das indústrias têxteis portuguesas, desde a Pré-História à época Contemporânea.<sup>11</sup> Pese embora a fragilidade de muitas das suas conclusões, é de destacar o facto de ter sido o primeiro e único autor a incluir fontes arqueológicas no seu estudo.<sup>12</sup> Também de meados do século XX são os trabalhos de António Cruz,<sup>13</sup> Marcello Caetano<sup>14</sup> e Franz-Paul Langhans,<sup>15</sup> que, apesar de não se centrarem sobre a indústria têxtil, debruçaram-se sobre a temática do trabalho industrial, na ótica das corporações profissionais e publicaram fontes importantes, que continuam a merecer um estudo aprofundado. Na mesma época, destaca-se ainda a obra *Os Mesteres de Guimarães*, publicada por A. L. de Carvalho, em particular o segundo volume, no qual se recolhem várias referências documentais à produção do linho nessa cidade.<sup>16</sup>

O primeiro ensaio sobre a distribuição geográfica da produção têxtil nos séculos XV e XVI foi realizado por Luís Farinha, nos finais dos anos 70.<sup>17</sup> Apesar de constituir um esforço louvável, devido ao seu carácter pioneiro, a qualidade gráfica do mapa apresentado é muito rudimentar. Além disso, não se fez uma distinção entre os setores têxteis (lã, linho, seda, algodão) e misturaram-se da-

10: Barros, H. da G. (1950). *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV* (2ª ed., Vol. IX). Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora. (Edição original 1885-1922). O volume IX da segunda edição corresponde ao volume III da primeira edição, que foi publicado em 1914.

11: Bastos, C. (1960). *Indústria e Arte Têxtil*. Porto. *Idem* (1947). *O algodão no comércio e na indústria portuguesa*. Porto: Grémio Nacional dos importadores de algodão em rama. *Idem* (1950). *Subsídios para o estudo das origens e evolução da indústria têxtil em Portugal*. Porto: Portugália.

12: A utilização de fontes arqueológicas estava, no entanto, fortemente limitada pelos conhecimentos de Arqueologia à época, pelo que muitas das conclusões apontadas são hoje questionáveis.

13: Cruz, A. (1943). *Os Mesteres do Pôrto no século XV: aspectos da sua actividade e taxas de ofícios mecânicos*. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 1, (Vol. III, S.). *Idem* (1943). *Os Mesteres do Pôrto: subsídios para a história das antigas corporações dos ofícios mecânicos* (Vol. 1). Porto: Sub-Secretariado de Estado das Corporações e Previdência Social.

14: Caetano, M. (1943). A antiga organização dos mesteres da cidade de Lisboa. In F.-P. Langhans (Ed.), *As corporações dos ofícios mecânicos. Subsídios para a sua história* (Vol. 1, pp. XI-LXXV). Lisboa: Imprensa Nacional, pp. XI-LXXV.

15: Langhans, F.-P. (Ed.). (1943). *As corporações dos ofícios mecânicos. Subsídios para a sua história* (Vol. 1). Lisboa: Imprensa Nacional.

16: Carvalho, A. L. de (1941). *Os Mesteres de Guimarães* (Vol. II). Barcelos: Edição patrocinada pelo Ministério da Economia.

17: Farinha, L. (1978). Subsídios para a caracterização da indústria têxtil em Portugal nos séculos XV e XVI. *História e Sociedade*, 1, 3-7.

dos relativos a cronologias muito diferentes. A leitura geográfica seria revista, alguns anos depois, por João Carlos Garcia, num artigo publicado na revista *Finisterra*.<sup>18</sup> O autor teve o mérito de recolher o maior número possível de estudos e de documentos publicados que lhe permitiram construir uma visão sólida sobre a distribuição geográfica dos diferentes setores têxteis nos séculos XIV e XV. São de destacar as conclusões avançadas por este autor para a realidade quatrocentista:

A produção de têxteis em Portugal aparece-nos, para todo o século XV, como um caso isolado, arcaico e periférico no quadro da indústria europeia e dos circuitos comerciais a longa distância. Isolado pela dimensão e situação no interior do país; arcaico pelas características da mão-de-obra, da maquinaria utilizada, da extensão dos mercados; periférico pela posição geográfica e pelo papel secundário nas linhas de comércio.<sup>19</sup>

Já no século XXI seria a vez de uma equipa empreender um projeto que tinha como objetivo fazer uma análise histórica, linguística, sociológica e antropológica das designações das ocupações profissionais e do seu significado do século XIV ao século XX, em três setores de atividade: agricultura, pesca e têxtil (PACO - Projeto para a Análise e Classificação das Ocupações). Concebida como um dicionário, a obra que resultou deste projeto (*História do Trabalho e das Ocupações*),<sup>20</sup> em particular no volume 1, colige várias entradas sobre as diferentes categorias profissionais do setor têxtil, numa análise em diacronia. Uma das suas virtudes é a de reunir um conjunto de informações que se encontravam dispersas em estudos monográficos e em séries de fontes publicadas. A metodologia de análise proposta, que concede uma especial atenção ao vocabulário associado às categorias profissionais, constituiu um ponto de partida para a investigação que desenvolvi e que procurei aplicar, com algumas adaptações, no catálogo de tecidos medievais portugueses aqui exposto e que é também apresentado sob a forma de entradas de dicionário. Os trabalhos de Arnaldo Melo, nomeadamente a sua tese de doutoramento, sobre os mesteres do Porto durante a Idade Média, são igualmente um ponto de partida impor-

18: Garcia, J. C. (1986). Os têxteis no Portugal dos séculos XV e XVI. *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 42, vol. XXI, 327-344.

19: *Ibidem*, p. 340.

20: Madureira, N. (Ed.). (2001). *História do Trabalho e das Ocupações – A Indústria Têxtil* (Vol. 1). Oeiras: Celta Editora.

tante, embora o setor têxtil não seja aí analisado em profundidade, devido à escassez de documentação disponível para o burgo portuense na cronologia estudada.<sup>21</sup> Por outro lado, a sua reflexão sobre as diferentes modalidades de associação profissional dos mesteres anteriores à existência de corporações assume-se como um modelo de análise importante, que deve ser considerado no estudo de qualquer setor industrial.

### **PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO**

A escassez e a dispersão das fontes para o estudo da produção interna na época medieval é um facto desde há muito identificado, mas, como nota Oliveira Marques, “conquanto escassos, os documentos permitiriam um conhecimento mais profundo do artesanato medieval português.”<sup>22</sup>

Não existem fundos documentais específicos para o estudo da produção têxtil em Portugal. As primeiras corporações de ofícios surgiram apenas nos finais do século XV (1498) e, no caso concreto do setor têxtil, apenas se constituíram na segunda metade do século XVI.<sup>23</sup> Não dispomos, por isso, de fontes normativas sobre os modos e técnicas de produção nem sobre a organização profissional. A regulamentação das atividades artesanais estava, em muitos casos, a cargo das autoridades municipais e é, portanto, através da sua voz, ou seja, da voz dos consumidores, que podemos vislumbrar uma ínfima parte da realidade da produção têxtil. As fontes comerciais existentes também pouco revelam sobre a produção interna, já que grande parte reflete apenas os movimentos comerciais de importação. A juntar a todas estas condicionantes, está ainda o facto de terem sobrevivido poucas fontes notariais em Portugal para a Idade Média, o que limita bastante a elaboração de estudos sobre qualquer faceta da realidade económica do reino.

Foi então necessário traçar um caminho alternativo. A base de partida foram os documentos publicados por Sousa Viterbo e Gama Barros. Procurou-se alargar o espectro documental, privilegiando a documentação municipal, mas também se contemplaram fontes diretas sobre o consumo têxtil. A lista

21: Melo, A. S. (2009). *Trabalho e Produção em Portugal na Idade Média: o Porto, c.1320-c.1415* (2 vols.). Dissertação de Doutoramento em História, Universidade do Minho e École des Hautes Études en Sciences Sociales, Braga.

22: Marques, A. H. de O. (1980). *Ideário para uma História Económica...*, p. 33.

23: Caetano, M. (1943). *A antiga organização dos mesteres...*, pp. XV-XVII. Melo, A. S. (2009). *Trabalho e Produção em Portugal...* (Vol. 1), pp. 405-408.

final das fontes citadas (manuscritas e impressas) demonstra bem a variedade dos tipos documentais consultados: foram alvarás, cartas de perdão, cartas de quitação, crónicas, relatos de viagem, livros de contabilidade de companhias toscanas, forais, tombos de propriedade, peças de Gil Vicente, cantigas de amigo, posturas municipais, inventários, testamentos, etc. Coligiu-se o máximo de informações que se encontravam dispersas, o que resultou num conjunto de referências desarticuladas entre si. Dada a dispersão dos registos, não foi possível percorrer, de modo exaustivo, fundos documentais inéditos. Excetua-se o caso das Chancelarias Régias do século XV, que puderam ser compulsadas na sua totalidade, devido ao facto de existirem índices que permitem um fácil acesso aos documentos. Foram consultados ainda outros fundos de fontes manuscritas que se sabia, *a priori*, conterem dados relevantes para o tema em estudo. Inventariaram-se todas as referências a fontes pertinentes feitas por outros autores e tentou-se, sempre que possível, confirmar a respetiva leitura no documento original. Se este trabalho não provar mais nada, mostra pelo menos que se podem encontrar referências à atividade têxtil nos documentos e contextos mais improváveis.

É difícil falar de uma metodologia, tendo em conta que as informações recolhidas são quase sempre pontuais, dispersas e variadas. Poderá dizer-se que, em termos globais, se privilegiou uma análise vocabular das referências a fibras, tecidos ou designações ocupacionais. O uso, repetido no tempo, de um determinado vocábulo ou designação assume-se, no meu entender, como indício de uma determinada realidade histórica. As opções metodológicas específicas serão apresentadas e explicitadas em cada um dos diferentes capítulos.

Os primeiros dois capítulos são relativos à dimensão produtiva. O capítulo 1 é aquele no qual se apresenta uma visão panorâmica sobre o tema e onde se reúnem os dados que permitem identificar os principais centros da indústria têxtil portuguesa no século XV. Caracterizam-se os setores da lã, do linho e do cânhamo, da seda e do algodão e define-se a respetiva distribuição geográfica, devidamente cartografada. No segundo capítulo, são abordadas as técnicas e os meios técnicos envolvidos nas diferentes fases da produção têxtil (preparação da fibra, fiação, urdidura e tecelagem, acabamentos e tinturaria). Não se pretende descrever de forma detalhada cada uma dessas fases, mas sim colocar em destaque algumas características e fenómenos que ajudem a explicar a organização, a evolução e o desenvolvimento da indústria têxtil medieval portuguesa. O capítulo três é dedicado aos atores do setor têxtil e à organiza-

ção da produção. Numa perspetiva ensaística, procura-se discutir os aspetos relativos à aprendizagem, à especialização laboral, à organização externa, à dimensão da participação feminina no setor e às modalidades de organização da produção. No capítulo 4, faz-se uma reflexão sobre a capacidade de projeção comercial dos produtos têxteis portugueses nos mercados interno e externo e procura-se aferir qual o peso do setor têxtil no conjunto da economia do reino. Por fim, já em apêndice, é apresentado um conjunto de 24 entradas, ordenadas alfabeticamente, relativas a nomes de tecidos para os quais foi possível reunir indícios documentais que comprovam a sua produção em Portugal nos séculos XIII a XV. O catálogo de tecidos representa o ponto de chegada de toda a investigação e constitui-se como uma síntese de conteúdos, em torno da qual se articulam todos os capítulos. A maioria dos nomes de tecidos referidos ao longo da obra pode aí ser consultada. Pretende-se que o catálogo se torne num instrumento de consulta útil a investigadores e curiosos e que sirva de ponto de partida para um projeto mais amplo e decididamente coletivo.

Várias imagens acompanham este livro para que a materialidade a que ele se reporta se torne mais 'palpável'. Como nem sempre foi possível obter recursos iconográficos da cronologia em análise, recorreu-se a fotos de instrumentos, processos de fabrico e tecidos dos séculos XX e XXI que, pelo seu caráter tradicional e artesanal, em muito se aproximam daqueles que terão existido em tempos medievais.

Considerando a variedade de fontes tratadas, tentou-se combinar da forma o mais harmoniosa possível os níveis micro e macro da história de Portugal, desde os pormenores técnicos às políticas régias e às questões estruturais. Devido ao caráter das fontes utilizadas, não foi possível elaborar um estudo com as alíneas clássicas e típicas de uma investigação sobre um setor produtivo, que inclui, entre outros, os aspetos da energia, dos transportes ou dos custos de produção. Não dispondo de séries documentais contínuas ou de fontes normativas detalhadas que permitam reconstituir a cadeia de produção têxtil, foi impossível calcular custos de produção, salvo em alguns casos particulares e isolados. Apesar de todos estes constrangimentos, pode dizer-se que, somados todos os documentos, é realmente possível obter um conhecimento mais profundo sobre a realidade da indústria têxtil medieval portuguesa.